

Grandeza, música, saúde e direção: uma crítica à intuição intelectual por Nietzsche

Greatness, health, music and direction: a critique of intellectual intuition by Nietzsche

Bruno Wagner¹

RESUMO: Neste trabalho vai-se a *Humano, demasiado humano*, *O caso Wagner* e *Nietzsche contra Wagner*, três obras marcadas por um afastamento de Nietzsche com relação à Wagner, que fora considerado pelo filósofo alemão como sendo o caso clínico mais revelador da modernidade. Nesse percurso, duas afirmações feitas em *Humano, demasiado humano* são consideradas fundamentais: a distinção entre grande (*große*) e grandioso (*großartigen*), e a crítica à noção de intuição intelectual. Procuo articular três críticas realizadas por Nietzsche: primeiro, crítica à concepção de arte do grandioso – arte essa que porta consigo um excesso de sentimento; segundo, crítica à necessidade metafísico-intelectual; terceiro, crítica à noção de intuição intelectual – crítica essa que condiciona as duas críticas anteriores. Contra o excesso de sentimento e a fim de restaurar uma saúde, Nietzsche, em *Humano, demasiado humano*, irá tomar a ciência como medida e remédio circunstancial.

Palavras-chave: Grande. Doença. Música.

ABSTRACT: This work goes to *Human, all too human*, *The case of Wagner* and *Nietzsche against Wagner*, three works marked by a removal of Nietzsche in relation to Wagner, who had been considered by the German philosopher as being the most telling case of modernity. Along the way, two affirmations made in *Human, All Too Human* are considered to be fundamental: the distinction between big (*große*) and magnificent (*großartigen*) art and a critique of the notion of intellectual intuition. In this work three critiques are articulated. Firstly, a critique of the conception of magnificent art, i.e. art that bears an excess of sentiment. Secondly, a critique of metaphysical intellectual necessity and thirdly, a critique of intellectual intuition. The latter critique forms the condition of the former two critiques. Against the excess of sentiment and in order to reestablish 'health', Nietzsche resorts ultimately in *Human, All Too Human* to science as a measure and a circumstantial remedy.

Key-words: Big. Sickness. Music.

Humano, demasiado Humano é o monumento de uma crise², assim como de uma rigorosa disciplina de si³ e de um retorno a si⁴. Nietzsche não foi seu escritor, embora tenha sido seu autor; o verdadeiro escritor de *Humano, demasiado Humano* foi Peter Gast. “Eu [Nietzsche] ditava, a cabeça enfaixada e dolorida, ele [Peter Gast] escrevia; ele foi o escritor, eu o autor”⁵. Tal obra marca o momento em que Nietzsche conseguira alcançar alguma serenidade para poder falar de seus “longos

¹ Doutorando em Filosofia (PUC-RJ). Email: brunowagnersou@yahoo.com.br

² NIETZSCHE, F. *Ecce Homo*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p.69.

³ NIETZSCHE, F. *Ecce Homo*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p.72.

⁴ NIETZSCHE, F. *Ecce Homo*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p.71.

⁵ NIETZSCHE, F. *Ecce Homo*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p.73.

anos intermediários de íntima solidão e privação”⁶, o que aponta já, portanto, para uma *superação* da doença, isto é, para a conquista de um poder opor-se a ela que é também a conquista de um distanciamento que tornou possível poder observá-la. Tal distanciamento é sinal de que *Humano, demasiado Humano* não é um livro de alguém que ama a doença e que nesse amor está completamente chafurdado, mas de alguém que conquistou uma saúde que o fez capaz de observar e encarar a doença – o que já demonstra não uma rejeição ou extirpação da doença, mas poderíamos mesmo dizer que está presente aí um *acolhimento* da doença, uma gratidão a ela, gratidão de alguém que por meio da doença conquistou uma saúde que o tornou capaz de *esquecer*, de *deixar para trás* o que até então amara, pois “enquanto ainda amamos, não pintamos quadros assim; ainda não “observamos”, não nos colocamos de tal maneira à distância, como tem de fazer o observador”.⁷

Que tal obra seja a expressão de um *mínimo de vida*⁸ pelo qual Nietzsche passara, pode-se ver no que o autor considera ser o mais forte ensinamento de *Humano, demasiado humano*: “uma doutrina da saúde, que pode ser recomendada como disciplina da vontade.”⁹ Que tal livro tenha sido escrito sob as condições mais desfavoráveis, sob a pressão da doença¹⁰, da dor, da solidão, não o faz uma obra pessimista, cansada, triste, mas pelo contrário, experimentar e sofrer a doença foi a condição para que Nietzsche pudesse arrancar de si a conclusão de que “um sofredor não tem *direito* ao pessimismo!”¹¹, tal como a dor e a abstinência não devem ser tomadas como objeções à vida a fazer dos homens seres sempre soturnos, de tom sempre sofredor e abstinente.

Aprendi, então, a arte de “parecer” jovial, objetivo, curioso, sobretudo sadio e malicioso — e num doente isso é, quer me parecer, o seu “bom gosto”. A um olhar e uma simpatia refinados não escapará, no entanto, aquilo que talvez seja o encanto desses escritos — que ali fala um homem sofredor e abstinente, como ~~são~~ fosse um sofredor e abstinente.¹²

Tomar a dor como estímulo. Quem é *forte* para tanto? Não seria isso um otimismo, acreditar que se possa superar a dor sem rejeitá-la? Ou, ainda, não seria mesmo o contrário, não estaria aí presente uma disposição pessimista de Nietzsche? Mas como pessimismo, logo ele ~~que~~ t nobremente fala que é preciso “afirmar a vida tal qual ela é”?! Sim, tanto uma opção quanto outra, tanto otimismo quanto pessimismo: um “otimismo para fins de restabelecimento, para algum dia *poder*

⁶ NIETZSCHE, F. *Humano Demasiado Humano II*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p.08.

⁷ NIETZSCHE, F. *Humano Demasiado Humano II*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p.08.

⁸ NIETZSCHE, F. *Humano Demasiado Humano II*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p.12.

⁹ NIETZSCHE, F. *Humano Demasiado Humano II*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p.09.

¹⁰ NIETZSCHE, F. *Ecce Homo*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p.72.

¹¹ NIETZSCHE, F. *Humano Demasiado Humano II*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p.12.

¹² NIETZSCHE, F. *Humano Demasiado Humano II*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p.11.

voltar a ser pessimista”¹³; e um pessimismo que tem boa vontade para com o pessimismo “e, assim, não mais um romântico”¹⁴, pois, ao contrário do romântico, trata-se de um pessimismo que não quer extirpar da vida as condições mais desfavoráveis às quais muitas vezes somos submetidos, porquanto sabe tomar a dor, a desilusão, o fastio, a solidão, a doença, como meios para se conquistar um *grande fortalecimento espiritual*, uma *abundância de saúde*¹⁵, uma *nova saúde*¹⁶, uma tal que não toma a razão como medida da vida, pois já é capaz de notar que a “irracionalidade de uma coisa não é um argumento contra sua existência, mas sim uma condição para ela.”¹⁷

Minha questão aqui é: de que maneira a música de Wagner poderia contribuir para entendermos o que Nietzsche está querendo dizer com saúde/doença? Tal articulação entre música, saúde e doença, tem por pressuposto o fato de que Nietzsche não ouve a música como uma linguagem universal, mas como sendo a transmissão de uma *medida de sensibilidade*¹⁸. Ora, podemos então perguntar, qual medida de sensibilidade Nietzsche escuta na música wagneriana? Sob qual economia de sentimentos Wagner conduz, dá direção e guia sua música? Sob qual regime econômico ele dispense, retém, estende, acelera ou ralenteia suas melodias, suas harmonias? Sob qual ritmo sua música anda, marcha, corre, dispara, dança? Sob quais margens sua música joga? Que postura ela mantém ante os obstáculos, ante os elementos que lhe oferecem resistência? Sob quais limites sua música se desenvolve, sob qual coação, isto é, como ela resolve, harmoniza, dribla as tensões que encontra pelo caminho? O que pretende ela ultrapassar – toda e qualquer tensão?

Muitas vezes a arte se exerce com o objetivo de aliviar a vida¹⁹, e com a música não é diferente. No aforismo intitulado “Música e doença”, Nietzsche adverte o leitor para o perigo que a música oferece – perigo que no caso da música moderna está no efeito *grandioso* que ela sugere ao ouvinte:

— O perigo da música está em que nos põe nos lábios a taça do voluptuoso e grandioso, de modo tão cativante e com tal aparência de êxtase moral que até mesmo o indivíduo nobre e comedido sempre bebe algumas gotas a mais. Mas essa mínima intemperança, continuamente repetida, pode enfim acarretar um abalo e solapamento

¹³ NIETZSCHE, F. *Humano Demasiado Humano II*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p.12.

¹⁴ NIETZSCHE, F. *Humano Demasiado Humano II*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p.09.

¹⁵ NIETZSCHE, F. *Humano Demasiado Humano II*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p.12.

¹⁶ NIETZSCHE, F. *Humano Demasiado Humano II*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p.13.

¹⁷ NIETZSCHE, F. *Humano Demasiado Humano I*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p.243.

¹⁸ NIETZSCHE, F. *Opiniões e Sentenças*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p.80.

¹⁹ NIETZSCHE, F. *Humano Demasiado Humano I*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p.108.

da saúde espiritual, mais profundo do que qualquer excesso grosseiro poderia produzir (...).²⁰

O que acarreta o abalo da saúde espiritual é a desmedida; a intemperança é indício de adoecimento; querer sempre mais e mais é ceder à sedução e esperança que o excesso às vezes pode sugerir: de por meio da *próxima* gota a ser bebida – sempre adiada a uma próxima vez que nunca chega a termo e que por isso sempre relança novamente à *próxima vez*, e assim sucessivamente, *ad infinitum* – se poder alcançar algo enfim grandioso, uma volúpia cada vez maior, um estado além de toda coação. Sugerindo isso aos nossos ouvidos, a música moderna –isto é, a música de Wagner– quer ultrapassar todos os limites, quer elidir tudo o que coage por meio de uma aparência de “êxtase moral”. Mas tal êxtase, assim Nietzsche parece dizer, tal estar fora de todos os limites, estar mergulhado num grandioso que a todos limites e beiras excede e que é pura expansão – isso adocece, debilita, solapa qualquer saúde, de maneira que para retornar à saúde seria preciso abrir caminho para os abraços de uma “esposa mais simples e mais humana.”²¹

Segundo Nietzsche, uma *grande arte*, uma tal que tenha *espírito*, não é uma arte do grandioso. O grandioso é o *motivo principal da corrupção do estilo*:

— Querer ‘mostrar’ mais sensibilidade por uma coisa do que realmente se ‘tem’, corrompe o estilo, na linguagem e em todas as artes. Toda grande arte tem, isto sim, a tendência contrária: adora, como todo indivíduo moralmente significativo, deter o sentimento no caminho e não deixa-lo ir até o fim. Esse pudor da semivisibilidade do sentimento se observa da maneira mais bela em Sófocles, por exemplo; e parece que os traços do sentimento se transfiguram, quando este se apresenta mais sóbrio do que é.²²

Querer causar a impressão de se ter um poder maior do que se pode, de uma hiperpotência, uma potência que desconhece qualquer limite, que promete algo grandioso e que por isso não detém minimamente seus impulsos, seus sentimentos, pois a tudo quer revelar e dar mostras de uma grandiosidade hiperbólica, de sua desmedida, isso adocece, corrompe a unidade de estilo.

Por *saúde, estilo e espírito* Nietzsche muitas vezes quer dar a entender algo semelhante: o importante não é ter mais, nem menos, mas o que se faz com o que se tem; importa a direção que é dada ao que se tem, o como se conduz em meio à multiplicidade e tensão das forças que constituem o mundo tanto quanto nós mesmos. Segundo Nietzsche, o que a música moderna faz ao colocar em nossos lábios o grandioso é ‘querer mostrar mais sensibilidade por uma coisa do que se tem’, é não se deter, é querer superar toda e qualquer tensão com o intuito de exceder todo conflito, de estar além da guerra, estar além de todo e qualquer limite, de tudo o que nos incomoda e nos perturba; a música moderna assim quer nos fazer crer que o excesso se liga à felicidade, a um grandioso *em si*. Mas

²⁰ NIETZSCHE, F. *Opiniões e Sentenças*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p.73-4.

²¹ NIETZSCHE, F. *Opiniões e Sentenças*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p.74.

²² NIETZSCHE, F. *O Andarilho e sua Sombra*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p.227.

grandioso e *grandeza* assim diferem: no *grandioso* está a promessa de que elidindo a tensão e dando livre curso a todos os impulsos sem opô-lhes resistência alguma encontraríamos repouso, felicidade, satisfação completa; já por *grandeza* Nietzsche quer dar a entender um princípio de seletividade que constrói e edifica sem se furtar à tensão, sem querer estar sob condições ideais, pois não concebe a felicidade negativamente²³, isto é, não põe a felicidade acima da guerra, não nega a guerra mas se afirma por meio dela. É nesse sentido que para Nietzsche a arte do *grande* ritmo, do *grande estilo*, consiste em “comunicar um estado, uma tensão interna de pathos por meio de signos, incluído o tempo desses signos – eis o sentido de todo estilo; e considerando que a multiplicidade de estados interiores é em mim extraordinária, há em mim muitas possibilidades de estilo”.²⁴

A questão do estilo é: como forçar e criar uma unidade estando em meio à multiplicidade? A necessidade de forçar uma unidade está em que, por um lado, chafurdado na multiplicidade tudo é pura dispersão, dissolução, ausência de si; por outro lado, o homem não pode abarcar todas as perspectivas, todos os impulsos, o homem é um ser finito, nem onisciente, nem onipotente, nem onividente, mas um animal sujeito ao erro, à ilusão, à dor, à morte, ao aniquilamento e esfacelamento, incapaz de tudo calcular e prever – cálculo que seria possível caso fôssemos oniscientes, mas não temos potência o suficiente para tanto, não podemos ver, ouvir, cheirar, tatear, conhecer a partir do que seria uma perspectiva universal. Estamos subordinados às condições finitas, e estar subordinado a tais condições é estar sob a perspectiva da necessidade, é saber que a vida acontece por necessidade, isto é, que ela não acontece por mero capricho, por mero arbítrio de uma consciência, de uma vontade; e estar sob a perspectiva da necessidade não nos faz seres universais, seres que pudessem tudo prever, tudo calcular, e que fossem capazes de falar em nome de um Absoluto. “Deveríamos poder calcular previamente cada ação isolada, se fôssemos oniscientes, e do mesmo modo cada avanço do conhecimento, cada erro, cada maldade”²⁵, mas não somos oniscientes. “Mesmo os homens raros, cujo pensamento vai além de si mesmos, não lançam os olhos a essa vida universal, mas somente a partes limitadas dela”²⁶.

O pressuposto para a afirmação de Nietzsche da impossibilidade de assumirmos uma perspectiva universal, ilimitada e total sobre o mundo, sobre a vida, e de termos potência *apenas* para uma perspectiva limitada, isto é, finita, está em sua crítica à intuição intelectual:

— Por mais que algúm creia ter se desabituaado da religião, isso não sucedeu a ponto de não ter alegria em experimentar sentimentos e disposições religiosas sem conteúdo intelectual, como na música, por exemplo; e quando uma filosofia procura

²³ NIETZSCHE, F. *Gaia Ciência*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p.11.

²⁴ NIETZSCHE, F. *Ecce Homo*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p.54-55.

²⁵ NIETZSCHE, F. *Humano Demasiado Humano I*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p.76.

²⁶ NIETZSCHE, F. *Humano Demasiado Humano I*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p.38.

justificar as esperanças metafísicas e a profunda paz de espírito que delas se pode obter, e quando nos fala, por exemplo, de “todo o Evangelho seguro que há no olhar das Madonas de Rafael”, acolhemos tais sentenças e explicações com uma disposição particularmente efusiva: aqui é mais fácil para a filosofia demonstrar; o que ele quer dar encontra um coração que tem prazer em aceitar. Nisto se percebe que os espíritos livres menos ponderados se chocam apenas com os dogmas, na realidade, e conhecem bem o encanto do sentimento religioso; é doloroso para eles perder este por causa daqueles. — A filosofia científica deve estar alerta para não introduzir erros com base em tal necessidade — uma necessidade adquirida e, portanto, também passageira — : mesmo os lógicos falam de “intuições” da verdade na moral e na arte (por exemplo, da intuição de que a “essência das coisas é uma”): o que lhes deveria ser proibido. Entre as verdades diligentemente deduzidas e semelhantes coisas “intuídas” permanece o abismo intransponível de que devemos aquela ao intelecto e estas à necessidade. A fome não demonstra que ‘existe’ um alimento para saciá-la; ela deseja esse alimento. “Intuir” não significa reconhecer num grau qualquer a existência de uma coisa, mas sim tê-la como possível, na medida em que por ela ansiamos ou a ela tememos; a “intuição” não faz avançar um passo na certeza. — Acreditamos naturalmente que as partes de uma filosofia tingidas pela religião estão mais bem demonstradas que as outras, mas no fundo é o contrário, temos apenas o desejo íntimo de que ‘possa’ ser assim — isto é, de que o que torna feliz seja também verdadeiro. Esse desejo nos faz ver como bons motivos ruins.²⁷

A “intuição intelectual” é uma noção carregada de uma conotação teológica medieval, o que, no entanto, não elimina o fato de ter estado presente na filosofia moderna. Os Padres latinos a utilizavam para se referir ao que seria um “olhar do espírito” capaz de imediatamente apreender uma realidade em sua totalidade, um “olhar intelectual” capaz de captar via intuição uma existência em sua essência mesma²⁸. No entanto, para Nietzsche a intuição intelectual é o resquício de uma sensibilidade religiosa presente dentro da filosofia, isto é, de uma profunda ânsia por paz de espírito, e que, ao contrário do que promete, não é capaz de avançar nenhum passo na certeza. A intuição intelectual é uma esperança metafísica de se obter a satisfação das necessidades, uma ânsia íntima por tornar presente o objeto capaz de satisfazer o desejo, isto é, que fosse capaz de eliminar o sentimento de privação, de insatisfação. Perder o sentimento religioso, perder a metafísica, perder a intuição intelectual, seria um evento doloroso justo na medida que é em relação à dor, à doença, à não conservação e às condições desfavoráveis em geral que a intuição intelectual quer se proteger. Tal como a música moderna, aqueles que se nutrem da intuição intelectual querem a vitalidade a qualquer preço; seja na religião, seja na música de Wagner ou no idealismo de algumas filosofias, reina um excesso de sentimento.²⁹

Consequentemente, para Nietzsche a crença na intuição intelectual põe à prova o caráter intelectual daquele que nela crê³⁰. Ela é uma presunção da razão que não quer reconhecer limites, é

²⁷ NIETZSCHE, F. *Humano Demasiado Humano I*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p.92-93

²⁸ FONTAINE, J.-M. *Le vocabulaire latin de la philosophie*. Paris: Ellipses, 2005, pg. 83.

²⁹ NIETZSCHE, F. *Humano Demasiado Humano I*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p.135-136.

³⁰ NIETZSCHE, F. *Humano Demasiado Humano I*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p.110.

pois uma razão hipertrofiada. Poderíamos aqui parafrasear a frase de Nietzsche e dizer: “Querer mostrar mais ‘razão’ do que se tem corrompe o estilo”, abala a saúde, debilita, adocece. O interessante nesse caso é que ela mostra que a doença para Nietzsche não necessariamente é decorrência de uma privação, pois pode advir também por excesso.

O homem moderno é fraco, porque é puramente artifício (...). Ele configura aquele tipo de aleijão por excesso, que Zaratustra tanto ironizava, o aleijado cuja monstruosidade não consiste na privação de um órgão, mas no hiperdesenvolvimento de um deles, em detrimento da integridade do corpo.³¹

Seja por um *hipo*, seja por um *hiper* desenvolvimento, cada doença possui sua configuração própria, sua lógica própria, sua estratégia, seu mecanismo próprio, singular. À quais referências, sentidos e coordenadas cada doença está referida, por onde joga, isso não é possível determinar de antemão, como que por uma intuição intelectual, mas é preciso prestar olhar, prestar ouvidos, deixar-se contaminar por sua própria maneira de conduzir, de guiar, de evoluir, de percorrer, de seduzir, perceber aonde quer vencer, o que pretende ultrapassar e eliminar, rejeitar, aonde não consegue não perder, “os esconderijos onde [seu] ideal faz morada — onde tem suas masmorras e sua última trincheira, (...) este *submundo* do ideal.”³² De qualquer modo, um voltar-se sobre si mesmo permitiu a Nietzsche extrair um saber não apenas acerca da doença que ele por experiência própria experimentou, mas permitiu-lhe também prestar um olhar mais sutil aos caminhos do que viu ser o desenvolvimento de uma *doença* na modernidade, na arte, na religião na filosofia, nas ciências.

Após uma interrogação de si mesmo, experimentação consigo mesmo, aprendemos a olhar mais sutilmente para todo o filosofar que houve até agora; adivinhamos melhor os involuntários desvios, vias paralelas, pontos de repouso, pontos solares do pensamento, aos quais os pensadores que sofrem são levados e aliciados justamente por sofrerem; sabemos agora para onde o corpo doente, com a sua necessidade, inconscientemente empurra, impele, atrai o espírito — para o sol, sossego, brandura, paciência, remédio, bálsamo em todo e qualquer sentido.³³

Uma necessidade metafísico-intelectual via por onde se alcança uma pretendia imortalidade, uma eternidade, o fim de todas as dores e o que seria uma saúde perene, robusta, eternamente conservada, o remédio de todos os remédios, que rumaria sempre à uma cada vez maior absolutização de si, à eliminação de todo conflito – tal é a medida de sensibilidade que a Nona Sinfonia de Beethoven comunica a Nietzsche:

— Podemos ver com forte a necessidade metafísica, e como é difícil para a natureza livrar-se dela enfim, pelo fato de mesmo no livre-pensador, após ele ter se despojado de toda metafísica, os mais altos efeitos da arte produzirem facilmente uma ressonância na corda metafísica, por muito tempo emudecida ou mesmo

³¹ GIACÓIA, O. *Nietzsche como psicólogo*. São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos, 2001. p.89.

³² NIETZSCHE, F. *Ecce Homo*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p.69.

³³ NIETZSCHE, F. *Gaia Ciência*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p.11.

partida; quando, em certa passagem da Nona sinfonia de Beethoven, por exemplo, ele se sente pairando acima da Terra numa cúpula de estrelas, tendo o sonho da ‘imortalidade’ no coração: as estrelas todas parecem cintilar em torno dele, e a Terra se afastar cada vez mais. — Tornando-se consciente desse estado, ele talvez sinta uma funda pontada no coração e suspire pela pessoa que lhe trará de volta a amada perdida, chame-se ela religião ou metafísica. Em tais momentos será posto à prova o seu caráter intelectual.³⁴

E a música de Wagner, que medida de sensibilidade Nietzsche escuta nela? Nietzsche inicia o prólogo de *O Caso Wagner* afirmando que se ele louva Bizet em detrimento de Wagner, isso não é pura malícia de sua parte, mas algo sobre o qual não se brinca: “voltar as costas para Wagner foi para mim um duro destino”.³⁵ O quanto lhe foi penoso resistir e *ultrapassar-se a si mesmo*, o que lhe acarretou uma grande solidão, podemos ver no capítulo nono, “Como me libertei de Wagner”, parágrafo primeiro, de *Nietzsche contra Wagner*:

Quando eu retomei minha marcha solitária, eu tremia; logo após eu caí doente, mais que doente, fatigado, cansado, a morrer por estar radicalmente decepcionado por tudo que restava a nós (...); a morrer, de desgosto por toda essa hipocrisia idealista e esse enfraquecimento de consciência (...), fatigado, enfim (...) do torturante, do implacável pressentimento de que eu estaria condenado a uma desconfiança ainda maior, a um profundo desgosto, a uma solidão mais profunda do que nunca. Pois eu jamais tivera alguém além de Wagner.³⁶

No prólogo de *O Caso Wagner*, Nietzsche situa sua relação com Wagner a partir dos jogos saúde/doença, e decadência/modernidade. Tal como Wagner, Nietzsche se considera “uma criança desse século”, ou seja, um decadente, com a única diferença de que ele, Nietzsche, resistiu com todas suas forças contra seu tempo, realizando aquilo que se espera de um filósofo: triunfar sobre seu tempo, fazer-se “intemporal”, “intempestivo”.³⁷ Mas o que Nietzsche entende por *decadência*, isto que ele considera ter sido sempre sua preocupação mais íntima e que para ele caracterizaria a modernidade? “Bem e mal: esse não é senão um caso particular desse problema (...); vida empobrecida, um querer-morrer, um grande cansaço. A moral ‘diz não’ à vida”.³⁸ Na decadência, Nietzsche vê um enfraquecimento dos instintos³⁹. “A “abnegação”, este é o princípio mesmo da decadência, um querer-morrer, tanto na arte como na moral”.⁴⁰

³⁴ NIETZSCHE, F. *Humano Demasiado Humano I*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p.110.

³⁵ NIETZSCHE. *Le Cas Wagner*. Traduction de l’allemand par Jean-Claude Hémerly. Paris: Éditions Gallimard, 1974, p.09.

³⁶ NIETZSCHE, F. *Nietzsche contre Wagner*. Traduction de l’allemand par Jean-Claude Hémerly. Paris: Éditions Gallimard, 1974, p.130.

³⁷ NIETZSCHE. *Le Cas Wagner*. Traduction de l’allemand par Jean-Claude Hémerly. Paris: Éditions Gallimard, 1974, p.10.

³⁸ NIETZSCHE. *Le Cas Wagner*. Traduction de l’allemand par Jean-Claude Hémerly. Paris: Éditions Gallimard, 1974, p.10.

³⁹ NIETZSCHE. *Le Cas Wagner*. Traduction de l’allemand par Jean-Claude Hémerly. Paris: Éditions Gallimard, 1974, p.33.

⁴⁰ NIETZSCHE, F. *Nietzsche contre Wagner*. Traduction de l’allemand par Jean-Claude Hémerly. Paris: Éditions Gallimard, 1974, p.119.

O que me interessa aqui é ver como Nietzsche interliga Wagner, decadência e os valores da modernidade, e como a partir daí Nietzsche pôde situar Wagner como um caso de doença do qual ele teria de se libertar caso quisesse restaurar sua saúde: “Tomar parte contra tudo o que havia em mim de doença, nisto compreende-se Wagner, Schopenhauer, assim como todos os modernos sentimentos de *humanidade*”⁴¹; “Minha experiência mais marcante foi uma “cura”. Wagner não é senão uma das minhas doenças. Não que eu queira me mostrar ingrato em relação a essa doença”.⁴²

Segundo Nietzsche, cada época possui um determinado critério por meio do qual elege seus valores, de modo que ou ela privilegia as virtudes de uma vida *crescente* (moral dos Senhores), e aí resiste com todas as suas forças contra uma vida decadente, ou ela se coloca a si mesma como uma vida *declinante* (moral decadente), privilegiando os valores de uma cultura decadente, e nesse caso detestando tudo aquilo que se justifica por uma plenitude, por uma superabundância de forças.⁴³ Enquanto a moral dos Senhores diz *sim* aos instintos⁴⁴, a moral decadente diz *não*, fazendo isso por meio de “Deus”, do “Além”, da “abnegação”... Enquanto a primeira dispense sua riqueza às coisas, transfigurando o mundo, embelezando-o, a segunda o empobrece, o descolore, diz *não* ao mundo, lhe dá um sentido pejorativo. Ora, aquilo contra o que, segundo Nietzsche, temos de nos precaver é justo da má-fé e da duplicidade de instintos que nos fazem incorrer em equívocos, nos impedindo de ver que a moral do Senhor e a moral declinante são direções antitéticas.⁴⁵ Nesse sentido diz Nietzsche acerca de Wagner:

Sua força está no equívoco, no “duplo sentido”, em tudo aquilo que persuade os hesitantes sem os fazer compreender claramente ‘do que’ eles são persuadidos. Nesse sentido, Wagner é um sedutor de grande classe. Ele não é, nas coisas do espírito, nada senão fadiga, extenuação, apresentação de um perigo mortal que denigre o mundo, que sua arte defende em segredo. – É o mais sombrio obscurantismo que ele oculta em véus luminosos do Ideal.⁴⁶

É nessa “contradição de valores” que Nietzsche diagnostica um sintoma do homem moderno, que inconscientemente diz *sim* quando em verdade está dizendo *não* (ao mundo, à vida). Querendo pôr a nu esse conflito, essa inconciliável oposição de valores presente na modernidade, Wagner surge como *o caso clínico mais “revelador”*.⁴⁷ Segundo Nietzsche, Wagner teve como pano de fundo de sua música o problema da “saúde”, problema esse figurado em sua música pelo tema da salvação – *Nele*

⁴¹ NIETZSCHE. *Le Cas Wagner*. Traduction de l’allemand par Jean-Claude Hémery. Paris: Éditions Gallimard, 1974, p.11.

⁴² NIETZSCHE. *Le Cas Wagner*. Traduction de l’allemand par Jean-Claude Hémery. Paris: Éditions Gallimard, 1974, p.10.

⁴³ NIETZSCHE. *Le Cas Wagner*. Traduction de l’allemand par Jean-Claude Hémery. Paris: Éditions Gallimard, 1974, p.85.

⁴⁴ Para Nietzsche a estética está indissolúvelmente ligada à condições ‘biológicas’.

⁴⁵ NIETZSCHE. *Le Cas Wagner*. Traduction de l’allemand par Jean-Claude Hémery. Paris: Éditions Gallimard, 1974, p.87.

⁴⁶ NIETZSCHE. *Le Cas Wagner*. Traduction de l’allemand par Jean-Claude Hémery. Paris: Éditions Gallimard, 1974, p.73.

⁴⁷ NIETZSCHE. *Le Cas Wagner*. Traduction de l’allemand par Jean-Claude Hémery. Paris: Éditions Gallimard, 1974, p.91.

vemos sempre alguém que quer ser salvo a qualquer custo.⁴⁸ Em *Tannhäuser*, ainda segundo Nietzsche, se vê a inocência salvando de preferência os pecadores “interessantes”; no *Navio Fantasma*, é o judeu errante que, se fixando pelo casamento, cessa de errar e assim se salva⁴⁹, é o tema do homem que se salva pelo amor. Nietzsche segue assim apontando em diversos casos a obsessão de Wagner por “salvar”... Goethe foi visto como sinal de decadência moral numa “Alemanha pudorenta e velhota, intoxicada por uma moral desagradável”⁵⁰ — o que faria Wagner diante de Goethe? Quereria também salvá-lo? A isso responde Nietzsche: Wagner quer salvar Goethe⁵¹. E, por sua vez, o que diria Goethe em face da obsessão de Wagner? É a pergunta que Nietzsche se coloca diante da presença constante do tema da salvação nas óperas de Wagner. “O que teria pensado Goethe de Wagner? Goethe um dia perguntou-se qual o perigo ameaçava todos os românticos. E sua resposta foi: “asfixiar-se ao preço de ruminar absurdidades morais e religiosas”. Breve: *Parsifal*...”⁵²

Wagner quer abolir o mal, o sofrimento presente no mundo⁵³, mas é justamente nesse momento que, acredito, poderíamos dizer que ele se faz um decadente, é justo nesse momento que ele acaba por arruinar a *saúde*⁵⁴, assim fazendo quando se mostra incapaz de tomar a dor como um estímulo vital⁵⁵, algo que, ao contrário de Wagner, Goethe foi capaz de realizar.⁵⁶ Foi essa mesma obsessão pela redenção que levou Wagner a acreditar na Revolução, fazendo de *Siegfried* o arquétipo do revolucionário: “Como banir do mundo o sofrimento? (...) Apenas podemos fazê-lo declarando guerra às “convenções” (aos costumes, à moral). Foi o que fez Siegfried. (...) Seu nascimento é já uma declaração de guerra, pois ele nasceu do adultério e do incesto...”⁵⁷

Porém, segundo Nietzsche, Wagner fracassou na sua empreitada, uma *catástrofe* se lhe deparou quando viu que o “novo mundo é tão ruim quanto o antigo”⁵⁸. É então quando ele se encontra com Schopenhauer, e o otimismo que antes depositava em sua música se entrecocha com o pessimismo de *O Mundo como Vontade e Representação*. Wagner contrai então uma dívida imensa

⁴⁸ NIETZSCHE. *Le Cas Wagner*. Traduction de l'allemand par Jean-Claude Hémerly. Paris: Éditions Gallimard, 1974, p.22.

⁴⁹ NIETZSCHE. *Le Cas Wagner*. Traduction de l'allemand par Jean-Claude Hémerly. Paris: Éditions Gallimard, 1974, p.22.

⁵⁰ NIETZSCHE. *Le Cas Wagner*. Traduction de l'allemand par Jean-Claude Hémerly. Paris: Éditions Gallimard, 1974, p.25.

⁵¹ NIETZSCHE. *Le Cas Wagner*. Traduction de l'allemand par Jean-Claude Hémerly. Paris: Éditions Gallimard, 1974, p.26-27.

⁵² NIETZSCHE. *Le Cas Wagner*. Traduction de l'allemand par Jean-Claude Hémerly. Paris: Éditions Gallimard, 1974, p.27.

⁵³ NIETZSCHE. *Le Cas Wagner*. Traduction de l'allemand par Jean-Claude Hémerly. Paris: Éditions Gallimard, 1974, p.28-29.

⁵⁴ Aqui, “saúde” já não possui o mesmo sentido ao qual se refere Nietzsche quando afirma que Wagner teve como problema fundamental a busca da saúde, da salvação. Ibid. §5.

⁵⁵ NIETZSCHE. *Le Cas Wagner*. Traduction de l'allemand par Jean-Claude Hémerly. Paris: Éditions Gallimard, 1974, p.33.

⁵⁶ NIETZSCHE. *Nietzsche contre Wagner*. Traduction de l'allemand par Jean-Claude Hémerly. Paris: Éditions Gallimard, 1974, p.101.

⁵⁷ NIETZSCHE. *Le Cas Wagner*. Traduction de l'allemand par Jean-Claude Hémerly. Paris: Éditions Gallimard, 1974, p.29.

⁵⁸ NIETZSCHE. *Le Cas Wagner*. Traduction de l'allemand par Jean-Claude Hémerly. Paris: Éditions Gallimard, 1974, p.30.

para com Schopenhauer, e passa a ver no fracasso de sua própria empreitada o seu objetivo final, a sua salvação. *Tudo vai de través (...). Fracassar aí – não seria esse também um objetivo?*⁵⁹

Buscando expressar o inefável, pois parte do princípio de que tudo o que nos derruba, nos oprime, é forte, de que tudo o que nos faz pressentir o inefável é profundo, capaz de atirar a atenção das massas⁶⁰, Wagner acaba por cair no “caos”, pois *o caos faz pressentir o inefável*⁶¹: “Sejamos idealistas! Para “elevar” a alma das massas, é preciso estar si próprio numa grande “elevação”... Planemos nobremente nas nuvens, invoquemos incansavelmente o infinito (...). Isso nos faz respeitáveis”⁶²; “O homem corre atrás de sua perda. Quem irá redimir-lhe? *O que irá salvá-lo?* — Não respondemos. (...) Mas ninguém deve duvidar de que somos nós que o salvaremos, que apenas nossa música é a saúde... (Ver o ensaio de Wagner *A religião e a arte*)”⁶³.

Segundo Nietzsche, buscando salvar e seduzir as massas, para tanto tentando apresentar o infinito, Wagner passa a rejeitar a bela melodia em detrimento da “melodia infinita”, rejeitando a técnica do contraponto a fim de que a melodia pudesse então apresentar o Ideal⁶⁴. No entanto, na visão de Nietzsche, o que Wagner consegue com isso não é mais do que denegrir a melodia⁶⁵. Mas, o que Nietzsche entende aí por “melodia contínua”? “A total degenerescência do sentido rítmico, o “caos” no lugar do ritmo...”⁶⁶ Nietzsche nos fornece a seguinte imagem acerca disso: “É preciso (...) imaginar, é como se entrássemos no mar e pouco a pouco fôssemos perdendo a sensação dos nossos pés (...): e então não nos resta mais nada senão *nadar*.”⁶⁷ À modernidade wagneriana Nietzsche irá então contrapor “uma música mais antiga, onde havia evoluções graciosas e solenes, ou ardentemente apaixonadas, vivas e lentas alternadamente”⁶⁸; Nietzsche irá defender uma música que *dança* ao invés de nadar: “Tudo que é divino marcha com delicadeza nos pés: primeiro princípio de minha estética.”⁶⁹

É com frequência que vemos Nietzsche tecer elogios a Bizet em *O caso Wagner* – “me torno melhor quando Bizet vem a mim”. Por que? Acredito poder dizer que é porque Bizet expressa o exato

⁵⁹ NIETZSCHE. *Le Cas Wagner*. Traduction de l'allemand par Jean-Claude Hémery. Paris: Éditions Gallimard, 1974, p.30.

⁶⁰ NIETZSCHE. *Le Cas Wagner*. Traduction de l'allemand par Jean-Claude Hémery. Paris: Éditions Gallimard, 1974, p.37.

⁶¹ NIETZSCHE. *Le Cas Wagner*. Traduction de l'allemand par Jean-Claude Hémery. Paris: Éditions Gallimard, 1974, p.38.

⁶² NIETZSCHE. *Le Cas Wagner*. Traduction de l'allemand par Jean-Claude Hémery. Paris: Éditions Gallimard, 1974, p.39-41.

⁶³ NIETZSCHE. *Le Cas Wagner*. Traduction de l'allemand par Jean-Claude Hémery. Paris: Éditions Gallimard, 1974, p.41.

⁶⁴ NIETZSCHE. *Le Cas Wagner*. Traduction de l'allemand par Jean-Claude Hémery. Paris: Éditions Gallimard, 1974, p.38.

⁶⁵ NIETZSCHE. *Le Cas Wagner*. Traduction de l'allemand par Jean-Claude Hémery. Paris: Éditions Gallimard, 1974, p.39.

⁶⁶ NIETZSCHE. *Nietzsche contre Wagner*. Traduction de l'allemand par Jean-Claude Hémery. Paris: Éditions Gallimard, 1974, p.109.

⁶⁷ NIETZSCHE. *Nietzsche contre Wagner*. Traduction de l'allemand par Jean-Claude Hémery. Paris: Éditions Gallimard, 1974, p.108.

⁶⁸ NIETZSCHE. *Nietzsche contre Wagner*. Traduction de l'allemand par Jean-Claude Hémery. Paris: Éditions Gallimard, 1974, p.108.

⁶⁹ NIETZSCHE. *Le Cas Wagner*. Traduction de l'allemand par Jean-Claude Hémery. Paris: Éditions Gallimard, 1974, p.16.

contrário da melodia contínua presente em Wagner: “Ela [Carmen, de Bizet] é rica. Ela é precisa. Ela constrói, organiza, acaba: ela é assim o exato oposto desse verdadeiro pólo⁷⁰ musical que é a *melodia contínua*.”⁷¹

Enquanto Wagner é a expressão para Nietzsche de uma falta de cadência, de ritmo, de dança⁷², em Bizet ele ouve a expressão de uma música ágil, educada, vivaz⁷³. Enquanto Wagner expressa um temperamento alemão em suas músicas, Nietzsche vê em Bizet uma alegria mais africana, própria dos países quentes⁷⁴. Enquanto em Wagner transparece um antisemitismo⁷⁵, em Bizet comparece ao ver de Nietzsche uma sensibilidade mais meridional, morena, bronzada, queimada.⁷⁶ Em Bizet, o amor não é concebido como uma espécie de “virgem ideal”⁷⁷, nem mesmo como paixão⁷⁸, mas como um ‘fatum’, uma ‘fatalidade’.⁷⁹ Travestindo em princípio sua própria falência em conceber um todo orgânico, Wagner foi incapaz de encontrar para si um estilo, manifestando com isso uma “crise de gosto”, segundo Nietzsche.⁸⁰ Se Wagner faz com que Nietzsche ponha para si a seguinte questão: “o que meu corpo pode esperar da música?”; Bizet faz com que em Nietzsche “minha melancolia possa escutar e achar um repouso nos redutos e abismos da *perfeição*: é para isso que eu tenho necessidade de música.”⁸¹

REFERÊNCIAS

- FONTAINE, J-M. *Le vocabulaire latin de la philosophie*. Paris: Ellipses, 2005.
GIACÓIA, O. *Nietzsche como psicólogo*. São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos, 2001.
NIETZSCHE, F. *Ecce Homo*. São Paulo: Companhia das Letras. 2008.
NIETZSCHE, F. *Gaia Ciência*. São Paulo: Companhia das Letras. 2009.
NIETZSCHE, F. *Genealogia da Moral*. São Paulo: Companhia das Letras. 2004.
NIETZSCHE, F. *Humano Demasiado Humano I e II*. São Paulo: Companhia das Letras. 2000.

⁷⁰ Um tipo de tumor.

⁷¹ NIETZSCHE. *Le Cas Wagner*. Traduction de l'allemand par Jean-Claude Hémery. Paris: Éditions Gallimard, 1974, p.16.

⁷² NIETZSCHE. *Nietzsche contre Wagner*. Traduction de l'allemand par Jean-Claude Hémery. Paris: Éditions Gallimard, 1974, p.108.

⁷³ NIETZSCHE. *Le Cas Wagner*. Traduction de l'allemand par Jean-Claude Hémery. Paris: Éditions Gallimard, 1974, p.16.

⁷⁴ NIETZSCHE. *Le Cas Wagner*. Traduction de l'allemand par Jean-Claude Hémery. Paris: Éditions Gallimard, 1974, p.18.

⁷⁵ NIETZSCHE. *Nietzsche contre Wagner*. Traduction de l'allemand par Jean-Claude Hémery. Paris: Éditions Gallimard, 1974, p.129.

⁷⁶ NIETZSCHE. *Le Cas Wagner*. Traduction de l'allemand par Jean-Claude Hémery. Paris: Éditions Gallimard, 1974, p.19.

⁷⁷ NIETZSCHE. *Le Cas Wagner*. Traduction de l'allemand par Jean-Claude Hémery. Paris: Éditions Gallimard, 1974, p.19.

⁷⁸ NIETZSCHE. *Le Cas Wagner*. Traduction de l'allemand par Jean-Claude Hémery. Paris: Éditions Gallimard, 1974, p.46-47.

⁷⁹ NIETZSCHE. *Le Cas Wagner*. Traduction de l'allemand par Jean-Claude Hémery. Paris: Éditions Gallimard, 1974, p.19.

⁸⁰ NIETZSCHE. *Le Cas Wagner*. Traduction de l'allemand par Jean-Claude Hémery. Paris: Éditions Gallimard, 1974, p.42.

⁸¹ NIETZSCHE. *Nietzsche contre Wagner*. Traduction de l'allemand par Jean-Claude Hémery. Paris: Éditions Gallimard, 1974, p.101.

NIETZSCHE, F. *Le Cas Wagner*. Traduction de l'allemand par Jean-Claude Hémery. Paris: Éditions Gallimard. 1974.

NIETZSCHE, F. *Nietzsche contre Wagner*. Traduction de l'allemand par Jean-Claude Hémery. Paris: Éditions Gallimard. 1974.